

REVISTA  
DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V  
II SERIE

SETEMBRO 1920  
N.º 99

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)*

TELEFONE 2337 CENTRAL

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—  
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoaria)

## A ETERNA QUESTÃO DAS ESTRADAS

### O MAIS INSTANTE PROBLEMA DO TURISMO EM PORTUGAL

O problema das estradas volta ao primeiro plano da discussão nos meios em que mais se atende ao progresso do Paiz e ás suas essencialissimas condições de vida, do que á politica mesquinha, venal e corrupta que, de ha tempos a esta parte, se vem exercendo em Portugal.

Não pode, em boa razão, esse importante assumpto ser relegado para a massa do esquecimento.

Ele é de ordem primacial e, portanto, a sua resolução urge providencias radicaes.

As estradas representam as veias do organismo nacional. Logo, qualquer entorpecimento que n'elas se manifeste, afecta directamente a circulação dos órgãos propulsores, o que constitue, pelo menos, uma immediata diminuição da sua função benefica e vitalisadora.

Isto é elementar e intuitivo.

Não o tem, porém, entendido assim, para os efeitos da defeza nacional, os sabios governantes que infelizmente tem, desde

alguns anos, administrado os negocios publicos; mas para a satisfação dos caprichos dos caciques seus eleitores, tem compreendido que a questão das estradas é um dos melhores meios para o conseguimento dos fins que pretendem. D'ahi, o bonito estado a que chegámos.

Ora, esta situação tem de acabar, por decoro da Nacionalidade e para honra da Moral.

Não somos nós sós que assim falamos. Todos os jornaes que se interessam pela verdadeira causa nacional, acima de todas as inconfessaveis paixões, se tem pronunciado no mesmo sentido, argumentando e defendendo calorosamente o principio—salutar e moral—da descentralisação da administração dos fundos destinados ás estradas.

Assim se pronunciou recentemente, n'um brilhante artigo de fundo da «Epoca», o notavel engenheiro sr. José Fernando de Souza, a quem pedimos venia para trans-

crever o seguinte periodo d'esse seu interessante artigo:

«Por toda a parte se clama contra o mau estado das nossas estradas.

Ainda hontem reproduziu a *Epoca* as reclamações formuladas no Congresso dos syndicatos.

Se essas queixas se não podem generalisar, pois ha aqui e acolá estradas em razoavel estado de conservação, o mal é bastante extenso e intenso para justificar os clamôres da lavoura, principal interessada na facilidade dos transportes. De que provem esse estado lamentavel?

De tres causas: administração defeituosa e centralisada;

ingerencia abusiva da politica;  
insuficiencia das dotações.»

Isto não é mais do que a auctorisada confirmação do que por diversas vezes temos dito nas colunas d'esta Revista e que concretisámos em o nosso passado numero.

Para nós, o problema das estradas — se bem que indirectamente nos interesse por uma forma sensivel—é capitalismo sob o ponto de vista do turismo em Portugal, pois que sem boas estradas e sem bons hoteis não pode haver—nem ha turismo, por melhores que sejam as condições naturaes das nações que se dizem civilisadas.

A sensação—aliás pouco agradável—dos maus caminhos, que proporcionam jornadas ao cabo das quaes o corpo demanda um largo repouso, só se pode conceber nos paizes selvagens, quando se procuram as surpresas do imprevisto, cujos admiradores suportam, resignada e conscientemente, todas as torturas—que são outras tantas surpresas.

Em paizes civilisados e principalmente n'aqueles que diligenciam fazer-se atrair por suas especiaes condições de beleza, a questão dos bons caminhos sobreleva-se a qualquer outra.

Aqui estamos, pois, de novo, a fazer côro com os patriotas aos quaes as boas questões nacionaes teem merecido as maiores atenções.

Não esmoreçamos na nossa campanha, e a victoria será nossa—o que quere dizer que será nacional.



No nosso anterior artigo sujeitámos a pratica do nosso alvitre á tutela da respectiva estancia technica official.

Crêmos que esta nossa opinião não será interpretada de modo diferente da idéa que a sugeriu e que nos parece claramente representada n'esse periodo. Todavia, esclareceremos que não se trata de criar atritos burocraticos á execução do plano estudado por quem dé direito; mas sim, d'uma fiscalisação indispensavel não só pelo que respeita á technica, como á satisfação das necessidades das respectivas regiões em relação com os interesses geraes.

E uma vez que nos referimos ao alvitre que expuzemos n'esse artigo, indicaremos uma outra fonte de receita para engrossar o fundo das estradas. Essa fonte pode ser a cobrança directa ou uma percentagem sobre a cobrança que deve ser feita aos visitantes dos monumentos, obras d'arte, muzeus, etc. que cada região possui, e deverá reverter em proveito das suas proprias estradas.

E' possivel que essa receita não seja, presentemente, de grande valôr; mas desde que as nossas diferentes provincias explorem racionalmente os seus verdadeiros pontos de turismo, ela avultará e constituirá uma parte importante para o fundo das estradas.

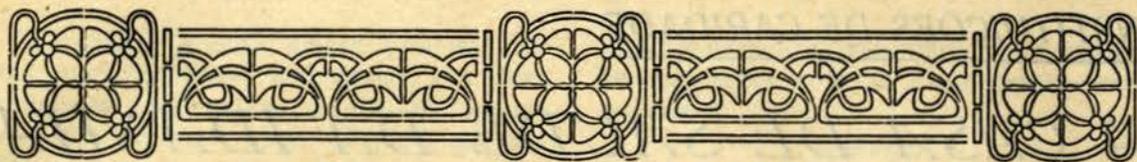
Aqui fica, pois, mais um alvitre.

JOSÉ LISBOA

## EXPEDIENTE

**A todos os nossos prezados assignantes que não satisfizeram a sua assignatura quando, pelo correio, lhes foi apresentado o respectivo recibo, rogamos a extrema fineza de nos enviarem, por vale postal, a importancia correspondente, que é de Esc. 1\$50 (um escudo e cincoenta centavos) a fim de nos pouparem a novas despesas de cobrança, que hoje importam em avultada quantia.**

**Na esperança d'um bom acolhimento a esta nossa solicitação, antecipadamente consignamos os nossos melhores agradecimentos.**



## A «REVISTA DE TURISMO»

### NO SEU 4.º ANIVERSARIO

**R**EFERINDO-NOS ainda á consagração que teve o 4.º aniversario da nossa Revista, publicamos o registo que de tal facto foi feito por dois estimados colegas da imprensa provinciana, com palavras que muito nos sensibilisaram e que reconhecidamente agradecemos; bem como a carta que nos dirigiu o nosso muito prezado amigo e dedicado colaborador Mario de Montalvão, ao qual aqui consignamos a expressão da nossa perduravel amizade, com os protestos da nossa maior gratidão.

Escreveu a «Flôr do Tamega»

**Revista de Turismo.** — «Publicação mensal ilustrada, inteiramente, util, pois se dedica a desenvolver o turismo no nosso Paiz, a sua missão benéfica e patriótica tem-se feito sentir em muitas localidades que estavam completamente esquecidas ou não tinham as comodidades de harmonia com a época, para atrair os turistas.

Tem feito muito, também, em favor das estradas do paiz, a maior parte d'elas intransitáveis; tem procurado desenvolver a arborisação, que é de uma importante influencia no turismo; tem creado e desenvolvido o gosto artistico das edificações, pela escrita e pelo desenho, apresentando modelos originaes dos nossos melhores arquitetos.

A *Revista* tem cumprido bem a sua patriótica missão; e ao entrar no 5.º ano enviamos-lhe as nossas saudações mais sinceras.

O formato da *Revista* é agora mais pequeno, mais elegante. A capa é ilustrada por 4 desenhos, representando castelos de Portugal. A tiragem é de 7.000 exemplares.»

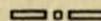
Da «Gazeta de Catanhede»

**Revista de Turismo.** — Com o seu n.º 97, entrou no 5.º ano, esta importante e patriótica Revista, que tão bons serviços vem prestando ao turismo e quicá ao Paiz.

A *Revista de Turismo*, tem feito a mais util e bela propaganda das riquezas artisticas do

nosso Paiz, ao mesmo tempo que vem bradando, com a sua autorisada voz, contra o abandono das nossas mais importantes fontes de riqueza.

Saudamo-la com entusiasmo e sinceridade».



*Meus muito queridos confrades.*

*Embora longe, a «Revista de Turismo» aproxima-nos sempre que me aparece. Ela é o traço de união da nossa indefectivel amizade. Por isso não me pode ser—nem é indiferente o seu aniversario, que registo com a mais intima satisfação e com a maior das alegrias—porque ela representa, também para mim, não só um frisante exemplo do esforço herculeo dos meus valorosos companheiros na pratica do ideal comum, mas a gloria intima do meu apoucado concurso na realisação d'esse ideal.*

*A vossa persistencia em manter uma grandiosa obra; a vossa tenacidade—mais ainda: a vossa grande audacia em a continuardes atravez de todos os obstaculos e de todos os sacrificios, merecem bem o premio de consolação que a sua existencia representa para vós, e que é o vosso moior galardão.*

*Eu sei dar-lhe o valor e não vol'o contesto.*

*Assim, o meu aplauso é tão grande quanto grandes são: a minha afeição por vós e a minha simpathia pela «Revista de Turismo, que estimo como a um filho adoptivo.*

*Cerro-vos no mais fraternal amplexo.*

MARIO DE MONTALVÃO.

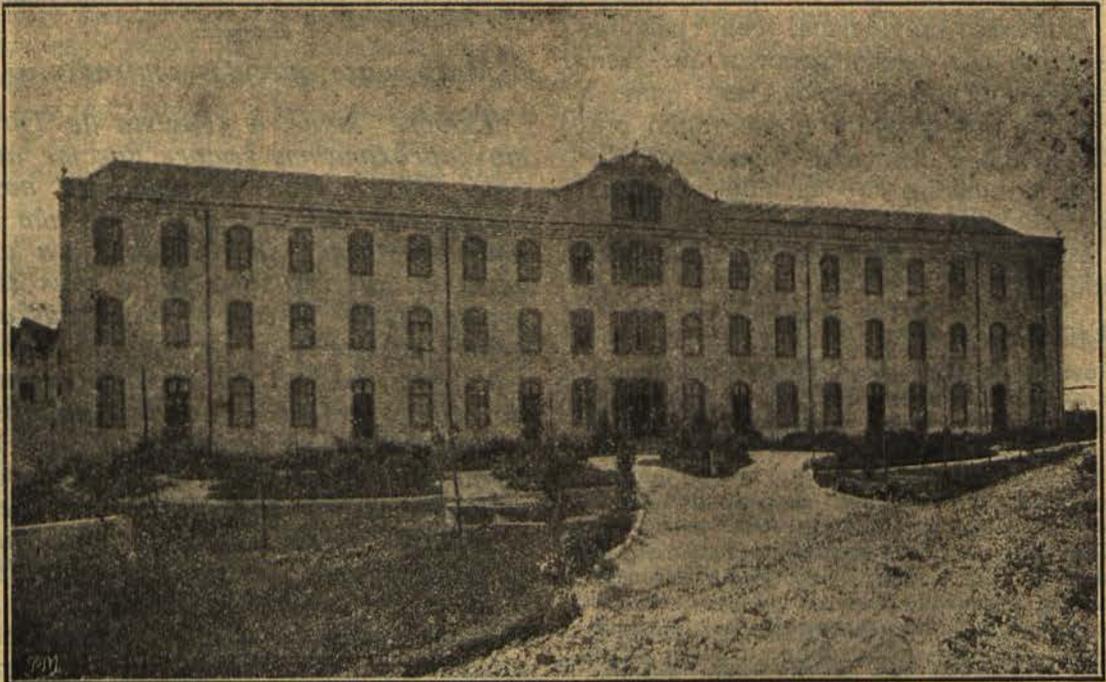
Algarve—Julho - 1920

INSTITUIÇÕES DE CARIDADE*A CASA DE SAUDE DA IDANHA*

O desejo de conhecermos tudo quanto em Portugal ha de interessante e que representa um facho de civilização, levou-nos a aceitar um amavel convite para visitarmos a Casa de Saude da Idanha, que é hoje, por assim dizer, a unica instituição religiosa de caridade que se mantem apóz a proclamação do novo regime,

faculdades mentaes. Por isso aceitámos o convite e fômos de longada até esse pitoresco e agradavel sitio, proximo de Belas, onde as sublimidades da Natureza nos causaram enthusiasmo, atenuando os pezadelos que por vezes nos ensombraram o espirito.

Chegados á Idanha, deparámos com um edificio, já nosso conhecido, cuja en-



EDIFICIO, FRENTE

para o que se faz proteger pela bandeira hespanhola, no simples intuito de proporcionar á humanidade a pratica das obras altamente altruistas a que uma acrisolada Fé obriga com a maior abnegação.

Está perfeitamente bem dentro da curiosidade d'um bom turista o conhecimento da maneira porque nos paizes civilisados se cuidam aqueles que um acaso da infelicidade ou a força maior da razão das coisas, fez perder o equilibrio das

trada principal em nada denuncia os transees dolorosos, dramaticos mesmo, que adentro das suas paredes se passam quotidianamente. Se bem que a idéa de ali ser um hospicio de infernal vida nos tivesse inundado d'um profundo respeito, a alegria com que se nos apresentou o ambiente, transposta que foi a porta d'acesso ao vestibulo, cheio de luz e de ar, modificou aquela primeira impressão difficilmente traduzivel.

Recebidos, n'uma alegre sala de visitas, com especiaes deferencias, por duas religiosas, estavam dentro em pouco em face de Soror Maria Clotilde, que é a Madre-Superiora d'essa Instituição de Caridade, com quem conversámos n'uma intima e atrahente afabilidade, que nos encantou.

Soror Maria Clotilde preocupada com a atribulada direção d'esse modelar estabelecimento, que a sua criteriosa orientação conseguiu elevar a um nivel de superioridade, desculpou-se de não nos acompa-

A consciencia voluntaria nem sempre se compadece com as condições do temperamento.

Démos começo á nossa visita. Durante o espaço em que percorremos um longo corredor ao fundo do qual se ergue uma elegante escada de madeira, indagámos sobre a origem da casa, sua relação com a Ordem Religiosa a que está entregue, sua especial missão, ao que recebemos os seguintes esclarecimentos:



VESTIBULO DA ENTRADA PRINCIPAL

nhar na visita para que nos convidára, delegando essa missão em duas outras religiosas — uma de aspecto alegre, mas d'uma alegria nascida e creada n'aquela mundo, sob a mais acrisolada resignação e formada na abdicação da propria personalidade, para servir de carinhoso conforto ás que o destino colocou sob a sua dedicada proteção; — outra, tristemente resignada. Esta ultima, ainda bastante nova, conserva os traços d'uma beleza que as amarguras alheias vão corroendo.

A Casa de Saude da Idanha foi fundada em 1895, pela Ordem das Irmãs Hospitaleiras de N. S. do Sagrado Coração de Jesus, á qual está ainda entregue e subordinada e a sua missão é especialmente cuidar das senhoras afectadas de enfermidades mentaes e nervosas.

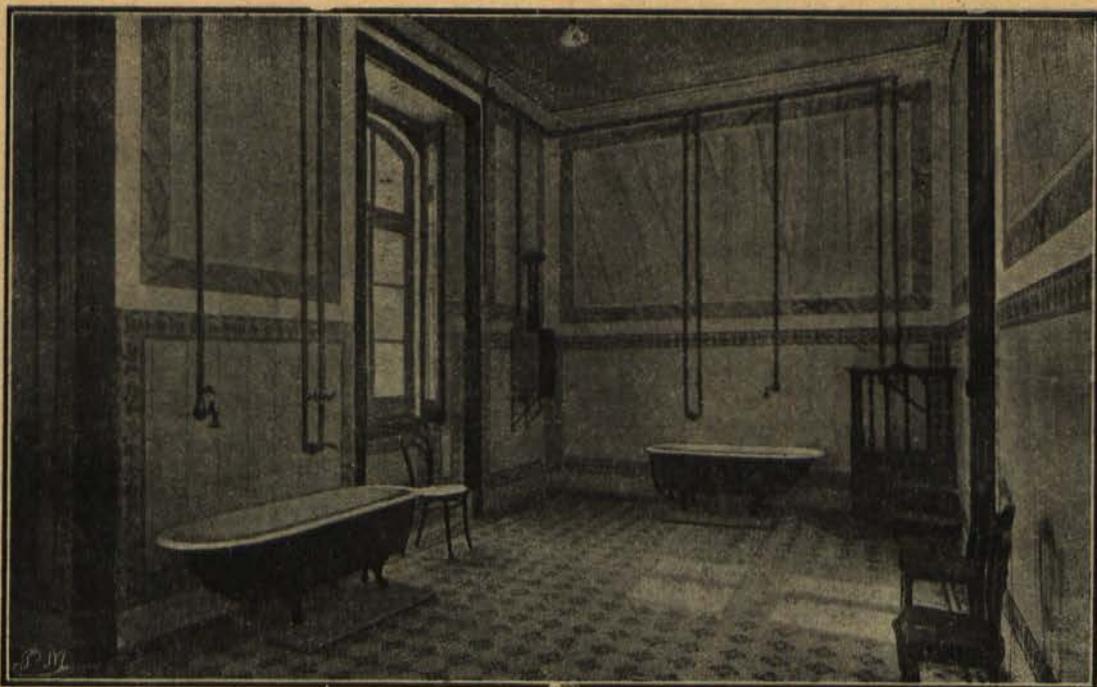
Com a proclamação do novo regime, as freiras portuguezas tiveram de se expatriar, sendo substituidas por outras d'origem hespanhola, ao abrigo da bandeira da sua nação, com a promessa de exer-

cerem a caridade n'esse indispensavel estabelecimento, sem todavia poderem fazer uso do habito congreganista. E assim, essas caritativas «irmãs» apresentam-se com um traje uniforme, modelado sobre o habito da Ordem a que pertencem, usando na cabeça uma mantilha branca traçada uniformemente, com a maior simplicidade, em vez da tôca encanudada.

A' nossa pergunta sobre o numero de internadas que ali então se achavam, respondeu nos uma das religiosas — que eram perto de trezentas, incluindo as pobres,

Visitámos todas as suas dependencias, bem como as das outras classes, onde pudémos constatar o conforto dos quartos, a elegancia das salinhas contiguas, nas instalações de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes, tudo n'um aceio e ordem irreprehen-sivel e onde a luz e o ar tem a maior expansão.

Fomos conduzidos depois ás diferentes casas de jantar e refeitórios, á dispensa, á bela cosinha, á padaria, ao hospital, á casa de banhos, emfim — a todo esse conjunto onde verificámos os efeitos d'uma



CASA DE BANHOS

que n'esse estabelecimento são recolhidas unicamente por caridade; recebendo, contudo, tratamento moral identico á das outras doentes e proporcionalmente a sua hospitalisação, que é absolutamente gratuita.

A admissão é feita ali escrupulosamente e sob as clausulas constantes do seu regulamento.

Ao cabo d'essa escadaria, uma grande porta de vidros polidos abriu-se para dar-nos entrada na ala classificada de 1.<sup>a</sup> classe.

bela administração escrupulosamente obedida pelas religiosas, cada uma das quaes entregue á sua missão, e todas procurando atenuar a triste situação das senhoras confiadas aos seus cuidados.

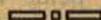
Por ultimo apreciámos o parque e a capela, onde a um officio divino, que então se celebrava, assistiam algumas das internadas, com o maior respeito e uma possivel consciencia do acto.

Em todas as classes ha uns amplos corredores e vastas salas, com pianos,

para as internadas se recrearem a seu bel-prazer.

N'um d'esses corredores fomos abordados por uma senhora de porte magestoso que, fitando-nos, nos obrigou a um cerimonioso cumprimento, a que correspondeu com um sorriso. Acercou-se de nós, tratando-nos por «tu», e dizendo-nos que nos conhecia; fazendo-nos crêr que, por questões íntimas, tinha sido obrigada a sahir da sua «côrte», mas que não abdicava dos seus «direitos de Rainha.» Contou-nos que ali esperava o comboio

peitosamente lhe apresentámos as nossas despedidas, que fôram aceites com a promessa de... voltarmos «no automovel que pôz á nossa disposição.»



Assim se passou a nota mais frisante que constatámos n'essa interessante visita, que nos deixou, quanto ao regime interno, ao carinho, solicitude das religiosas e sua influencia nas doentes internadas, a melhor impressão, completada pelo extremo cuidado em tornar o ambiente



CASA DE JANTAR - 2.ª classe

que especialmente tinha mandado fazer — o mais completo em tudo, pois que nada faltava para que a sua real pessoa n'ele se fizesse transportar — e que sahiria depois para uma grande viagem. Ofereceu-nos o seu retrato n'um diploma pintado por suas mãos, presenteando-nos com «dinheiro» em notas, emitido pelo seu «Banco» nas quaes se via principalmente a sua efigie.

E' claro que nos mostrámos sensibilizados a provas de tão alto apreço, e res-

agradavel pela profusão de flores e de plantas nas diferentes alas, pela alegria dos quartos de dormir e pelo caprichoso ornamento d'algumas salinhas das instalações de classe superior, onde notámos trabalhos de pintura, desenho e bordado feitos pelas internadas, alguns até de tal valor artistico (como a reprodução do retrato do Senhor Dom Miguel de Bragança existente no Palacio de Queluz) que dir-se-hiam feitos por conscientissimos mes-

Ao terminarmos a nossa minuciosa visita, descançámos um pouco na sala de recepção, onde mais uma vez fômos amavel e gentilmente obsequiados por Soror Maria Clotilde e pelas religiosas que tão benevola e agradavelmente nos acolheram e nos conduziram atravez d'esse sympathico estabelecimento, em que recebemos a impressão do valor moral da caridade difundida sob o dominio da mais santa missão da humanidade — cuidar do proximo, abdicando de si mesma.

Bem dita instituição! A. L.

### *Nogueira de Brito*

*Nogueira de Brito, nosso velho e querido amigo de ha longo tempo, prometeu-nos, um dia, a sua colaboração, como testemunho de grande apreço pela «Revista de Turismo».*

*Efectivando essa sua promessa, enviou-nos o soneto que esmalta a pagina litteraria do presente numero, pelo qual se aquilata o valor intelectual do seu auctor, que é, além d'um verdadeiro portuguez de raça, um archeologo e um genealogista de destaque em o nosso meio social.*

*E' esta uma simples apresentação para quem não conheça esse nosso distincto amigo, e a sua modestia nos perdõe estas singelissimas palavras.*

*Nogueira de Brito é, porém, muito conhecido e sinceramente apreciado pelas suas excelsas qualidades e virtudes, dispensando, portanto, qualquer panegyrico que apenas podia engrandecer as nossas colunas.*

*A este nosso bom amigo apresentamos os cumprimentos de boas vindas, que acompanhamos com a esperança da sua mais assidua colaboração.*



## O TURISMO EM PORTUGAL

### A REACÇÃO Á NOSSA OBRA

A multiplicidade dos assuntos a tratar em a nossa Revista obrigar-nos-hia — se possível nos fosse — a publical'a sempre, pelo menos, com 50 paginas. Ora, como isso é impossível, mormente na situação que atravessamos, segue-se que muitos casos que, sob este titulo, desejavamos apreciar, teem sido adiados... para ocasião oportuna em espaço.

Hoje, porém, não podemos deixar de transcrever um recorte que fizemos d'uma

das correspondencias diarias de Lisboa para o «Jornal de Noticias», do Porto.

Vae sem comentarios, para que saiba melhor a quem a comprehender.

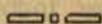
«Ha dias chegou ao Tejo o vapor brasileiro «Curvello» da Lloyd Brasileira. Fomos a bordo. E como não levassemos os ouvidos tapados, ouvimos o justo murmurar d'aquella gente contra as dificuldades alfandegarias do nosso porto. Tudo difi-

culdades! Tudo fiscalizações! Em França, por exemplo, aqueles *idiotas* reduziram as taxas alfandegarias dos generos que não teem. Nós espiolhamos tudo e taxamos estupidamente o assucar, o tabaco, os fosforos—precisamente aquilo de que carecemos! Resultado—para fugirem a essas dificuldades, a esses incomodos, a esses vexames, 27 passageiros do *Curvello* que desejavam baixar em Lisboa, foram desembarcar ao Havre!

Somem os passageiros dos outros barcos que fazem o mesmo, e vejam o que isto representa de prejuizo. De prejuizo e de vergonha.»

.....

Junte-se a isto o desenvolvimento que o Porto de Vigo está tomando, com a constituição de empresas sob os auspicios de capitães americanos, para o maior incremento da sua ação comercial como a mais favoravel porta d'entrada, no ocidente, para a Europa, e pensemos bem, maduramente, no futuro que nos está reservado.



E para que se definam bem as responsabilidades, vamos recordar o que escrevemos e foi publicado em o n.º 67 d'esta Revista referido a 5 d'Abril de 1919, a proposito dos caminhos de ferro internacionaes em que se aludia ao porto de Vigo :

.....

«Pois bem. Se é certo que, em nossa opinião, o caso não se afigure sob a forma da immediata gravidade com que foi apreciado pelo pessimismo luzitano, não é menos possivel que o aspecto que ele pode facilmente tomar nos faça modicar essa nossa opinião, tanto mais que as surpresas que diariamente nos chegam de todo o mundo sucedem-se por forma tal que ninguem pode, com segurança, fazer qualquer juizo.

Se pudessemos asseverar que as influencias existentes não se intrometiam nem

se intrometeriam na realização dos projectados caminhos de ferro hespanhoes, bastava que apenas nos puzessemos em guarda para atacar oportunamente as primeiras manifestações d'essa ideia, e preparassemos logo as medidas eficazes para uma energica defesa dos nossos interesses, se até lá não conseguissemos estar seguros da supremacia de Portugal em materia de tanta monta.

Como, porem, os tempos que vão correndo são propicios á efectivação de todas as idéas possiveis e imaginaveis, mesmo das que pareçam mais absurdas, é, não só de salutar tactica, como de bôa prudencia, que se ponha em acção o maior numero de baterias da nossa defesa, para contrariar, unica e exclusivamente, o desvio dos importantissimos beneficios que de direito nos pertencem e que se nos pretende usurpar.»

.....

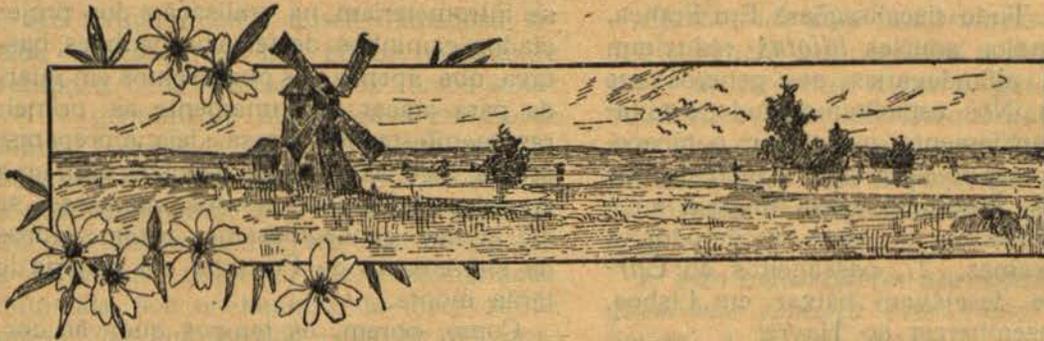
Como complemento d'essa nossa idéa, estampámos em o n.º 76 de 20 d'Agosto do ano passado, este periodo que vamos reproduzir do artigo de fundo em que o intercalámos e que era subordinado aos Caminhos de Ferro internacionaes.

«A Hespanha tem o desejo muito legitimo de se libertar d'influencias estrangeiras no que não possa extrair proveito algum. Por consequencia ha de procurar pèr todas as formas chamar aos seus portos a concorrencia de passageiros das Americas, principalmente do sul, que até agora tem sido feito por Portugal, em rapida passagem pelo seu paiz onde pouco se demoram e nada gastam; e não deixará, também, de aproveitar as boas graças que os americanos lhe estão dispensando.»

Não tratamos de varrer a nossa testada, mas unicamente de definir responsabilidades.

Seja feita justiça a quem de direito.

J. L.



## TURISMO E ESTANCIAS THERMAES

# O CONGRESSO DE MONACO

**T**ENDO-SE a nossa Revista ocupado, por varias vezes, sobre a realização do importante Congresso de Monaco, não podemos deixar de arquivar n'estas columnas o resultado d'essa importante assemblêa, transcrevendo — com a devida venia — do penultimo numero do Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal, a seguinte descripção feita com a maior auctoridade pelo Sr. Engenheiro Manuel Roldan y Pego, que foi o Secretario da Delegação Portugueza no mesmo Congresso.

«Realizou-se em Monaco, na segunda quinzena de Abril do corrente ano, um Congresso que se ocupou dos variados problemas de turismo, com especialidade das industrias exploradoras de aguas minero-medicinaes, e outras que com ele se relacionam.

Comquanto a Propaganda de Portugal não tivesse um papel preponderante n'este assumpto, colaborou, a convite do Ministerio do Trabalho, na Comissão Organizadora da representação do nosso paiz n'aquelle Congresso, por intermedio do seu Director Dr. Lobo Alves e ainda por influencia do seu Director Secretario Manuel Roldan, que fazia parte da mesma Comissão como Director Geral de Minas e Serviços Geologicos.

Mais tarde foi constituída a Comissão

que devia representar Portugal n'aquelle Congresso, e que foi composta dos Snrs. Director Geral de Saude Publica, Dr. Ricardo Jorge, inspector das aguas minero-medicinaes, Dr. Oliveira Luzes, e o Director Geral das Minas e Serviços Geologicos, Engenheiro Manuel Roldan y Pego. Este ultimo que procura todos os ensejos de prestar serviços á Propaganda de Portugal e ao Paiz, muniu-se de grande porção do nosso folheto «Portugal», em francez e inglez, que fez distribuir no Congresso, onde a sua apresentação teve toda a oportunidade em vista do excelente artigo que n'ele se encontra sobre a «Riqueza Thermal de Portugal» devido á alta competencia sobre a especialidade do Snr. Dr. Oliveira Luzes.

.....

Das varias secções do Congresso aquellas que mais interesse despertaram foram as relativas ao turismo, aguas minero-medicinaes e vilas thermaes. N'essas secções esboçaram-se as linhas geraes do que na actual conjunctura se torna absolutamente indispensavel fazer para valorizar essas fontes de riqueza dos paizes aliados. Antes da guerra a Alemanha e a Austria tinham, por assim dizer, o monopolio d'essas industrias, empregando todos os meios para atrahirem aos seus estabelecimentos da especialidade todos os estrangeiros, no

espírito dos quaes inoculavam a idéa da pretensa superioridade das suas aguas; e com a multiplicidade de confortos e atractivos, ali conseguiram a affluencia de uma numerosa clientela, em prejuizo dos estabelecimentos e estações congéneres dos paizes aliados. Agora, que aqueles dois paizes se encontram abatidos, deve aproveitar-se a oportunidade para melhorar as condições das estancias thermaes, de repouso e de turismo dos paizes aliados, desviando para elles toda a clientela; mas para isto torna-se indispensavel o dispendio de muito trabalho e de muito capital; é necessario que todas as nações aliadas congreguem os seus esforços para lançar mão a tão grandiosa obra; que todas adhiram a este grande empreendimento, pois aquellas que não acompanhem este movimento de progresso ficarão postas de parte e não terão direito a queixar-se no futuro.

N'estas condições foram lançadas as linhas geraes d'esta especie de Federação dos paizes aliados para o desenvolvimento das suas estações thermaes e de turismo. D'essa Federação farão parte os sindicatos de iniciativa, sociedades de propaganda turista, «bureaux de renseignements», empresas thermaes, de viagens, companhias de caminhos de ferro, etc., cujos representantes se reunirão de três em três mezes, para o estudo do plano geral d'esta obra e das successivas modificações que convenha introduzir para o cabal cumprimento do respectivo programa. Uma vez elaborado o plano e constituída a Federação, todós são obrigados aos compromissos tomados; e a nação que possuir aguas especiaes tem de as colocar em condições que não fiquem inferiores ás das outras, que por sua vez se obrigam a fazer o réclame d'aquelas, obrigando inclusivamente os seus medicos a aconselhal-as aos respectivos clientes.

A Federação abrange toda a França, Italia, Hespanha, Inglaterra, Belgica e Portugal, e deverá ter um serviço de publicidade comum.

Quanto á forma de se efectivar a acção da Federação, foi ponto muito debatido, e a França acaba de dar um grande avanço

n'esse sentido. O «Office National de Tourisme», que é uma estação official e por isso não pode tratar de assumptos commerciaes, creou uma «Companhia de Turismo» independente e composta dos Directores das Companhias de Caminhos de Ferro e de navegação, dos representantes de Associações Hoteleiras, de syndicatos de iniciativa, de agencias de viagem, do Touring Club e dos serviços officiaes de turismo. Esta Companhia tem agencias nos quatro grandes centros de viagens: New-York, Londres, Barcelona e Genova, e o seu fim é o seguinte:

Toma, por exemplo, um viajante em Boston, fal-o atravessar o Oceano, conserva-o em Paris o tempo que ele deseja, e d'aquí, no dia por ele indicado, mete-o em automovel ou comboio, acompanhado de um guia instruido e polyglota que lhe mostrará Nice ou Biarritz, a Bretanha e a Normandia, os Alpes ou o Massiço Central, o mar do Norte ou os Vosges, e depois todo o «front», todas as cidades martyres, todos os campos de batalha, etc. Em Boston o viajante antes de partir saberá quanto tem a dispendir, e pagará adeantadamente a sua viagem completa, incluindo todas as despezas; e além d'isso munir-se-ha de uma série de bilhetes de banco francez especiaes, com um cambio perfeitamente definido, de maneira a evitar surpresas. — O concurso dos hoteleiros está assegurado, havendo dois mil quartos em Paris disponiveis para os viajantes da Companhia; e na provincia um certo numero de hoteis aceitam os enviados da Companhia de Turismo respeitando os preços e tarifas convencionados.

Os trabalhos do Congresso começam pois a fructificar, mostrando o exemplo que acabamos de apresentar a indispensabilidade de se trabalhar muito para organizar convenientemente todas as questões de turismo por fórma a constituirem uma fonte fecunda de riqueza; e todos aquelles que não quizerem acompanhar estes movimentos progressivos, não terão de se queixar quando no futuro virem os resultados da sua incuria ou indiferença».

*ARTE E LITERATURA*

## CASTELO ARRUINADO

POR *NOGUEIRA DE BRITO*

*Triste sonho d'um passado de aventura,  
O vetusto Castelo arruinado  
Já não sorri para nós, dismantelado,  
Tem um pungente aspéto de amargura!*

*A severa feição, a linha pura  
Do seu lindo perfil equilibrado  
Que fez d'ele um arauto do passado...  
O tempo lh'a roubou. Que desventura!*

*Mas... assim mesmo, débil, moribundo,  
Sem vida, sem calor, sem expressão,  
Préstes a desprender-se d'este mundo...*

*Os tristes, sem carinhos e sem pão,  
Nos seus fóssos se abrigam, bem no fundo,  
Quando a néve lhes cái no coração!*





## RIQUEZAS PATRIAS

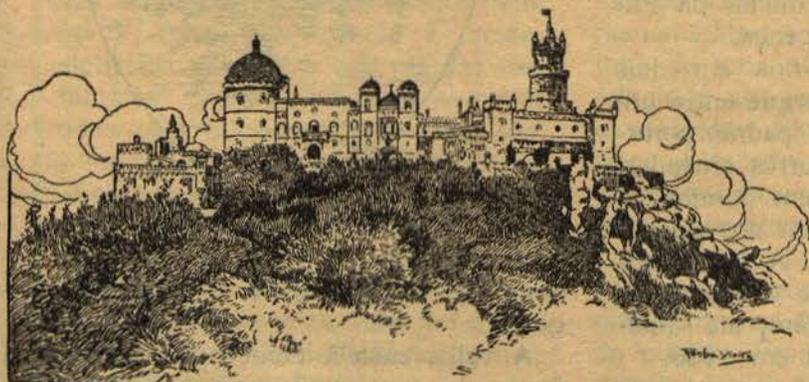
# CASTELOS DE PORTUGAL

**C**ASTELOS de Portugal!—paginas sagradas da Historia Patria, erguidas no alto dos serros, como sentinelas vigilantes de um passado glorioso!

...Cidades e vilas, minúsculas aldeias perdidas nas encostas, ostentam ainda, como recordações epicas, esses castelos de antigas eras, que dão, entre o casario alegre e o verde pujante do arvoredado, o aspecto grave de um baluarte, em linha

que a erva alta vae revestindo de um frescor suave e dulcificante!

Não é no acanhado espaço d'estas ligeiras colunas, que se podem descrever todos os castelos de Portugal, nem as tradições que eles encerram; mas vamos dar, com a rapidez do perpassar de uma película animatographica, umas breves notas d'esses baluartes de pedra denegrida, onde se ergueu o sublime altar da Patria.



CINTRA—CASTELO DA PENA

de defeza da integridade da nossa terra bemdita.

Mas entre essas muralhas, algumas já derruidas, e junto d'essas torres de menagem, de épocas medievaes, quantas tradições, quantas lendas ecoam na nossa alma de patriotas intransigentes?!

Quantos feitos, quantos actos de grandeza heroica, rememoram esses fossos,

suas muralhas bordadas de ameias como em defeza da serra bemdita, em cujo topo, «revive na nossa idade um castelo de lenda, semi-encantado, com moiras nas fontes, todas as tardes entre nuvens, e pelas nuvens levado, e pelas nuvens desfeito...» como disse Eça de Queiroz, n'uma das suas deliciosas rajadas de fantasia.

Mas ao chegarmos ao *Castelo da Pena*,

se não encontramos as moiras encantadas, temos, no entanto, a deslumbrar-nos, essa joia de arquitectura medieval que corôa a serra, que as largas ramadas de exotico arvoredado cobrem e embalsamam de uma fragancia penetrante.

Da esplanada larga do Castelo ou do alto penhasco d'onde o rei venturoso, nas horas amargas da saude, espreitava a vinda das naus da India, é-nos dado hoje ver grandes transatlanticos em demanda do nosso admiravel caes da Europa.

E depois, baixando a vista, temos no socego do vale, a triste Colares, dos celebres vinhos; e, mais além, o mar debatendo-se com furor nos rochedos da Pedra de Alvidrar, deleitando-se vagarosamente na areia loura da Praia das Maças.



Voltando a Lisboa, e tomando-se o comboio de Leste, quatro horas depois depara-se-nos, como que a balouçar-se sobre o Tejo, o *Castelo de Almourol*, a que o apeadeiro de Tancos dá serventia, e para cuja visita o comandante militar da Escola de Tancos, concede licença.

Um barquinho transpõe-nos em dois minutos á ilhota, onde se ergue entre um arvoredado leve, esse sublime padrão portuguez, com as suas onze torres ameadas, e que uma torre de menagem domina.

É este, sem duvida, um dos nossos monumentos mais curiosos. A sua historia vem dos romanos que o ergueram, aos arabes que o restauraram, até Gualdim Paes que o reconstruiu em 1160.

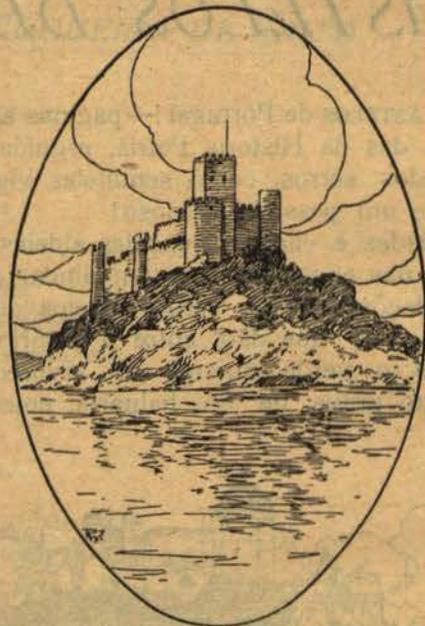
Varias lendas amorosas consagra este castelo, e uma d'elas, a mais tragica e romanesca por certo, é a do castelão de Almourol, o Senhor godo D. Ramiro, que, apóz uma rija peleja com os moiros, deteve no seu caminho a pequena moura para saciar a sêde, que o devorava, com a agua da bilha que ela levava á cabeça; mas a moirasinha ante aquele gigante, terror da sua raça, assustou-se e deixou cahir a bilha que se fez em pedaços. D. Ramiro, cego de sêde e de raiva, tres-

passou á espada a pequena moira e sua mãe, que lhe acudira, e levou captivo para o castelo um irmão d'ela.

O pequeno mouro, planeou logo uma vingança cruel contra os entes queridos do castelão, sua mulher e sua filha Beatriz.

Decorreram anos, e nos continuos ataques aos moiros, D. Ramiro deixava o castelo entregue a Beatriz, a sua encantadora filha que ele estremecia.

Mas no coração da donzela, foi nascendo uma forte paixão pelo moiro, cuja



O CASTELO DE ALMOUROL

alma se debatia entre o amôr e a vingança.

A velha castelã começou a definhar, á força de um subtil veneno que o moiro lhe ministrara; e não podendo fazer o mesmo á filha, pelo imenso amor que o devorava, partiu, n'uma noite, quando o luar punha rendilhados de prata nas sébes do vale do Tejo, n'um fogoso cavallo, levando á garupa a formosa Beatriz, pelo caminho incerto do amor.

O castelão, de volta, glorioso por mais uma batalha vencida, e satisfeito por trazer a seu lado um principe para lhe esposar a filha, vendo que sua mulher mor-

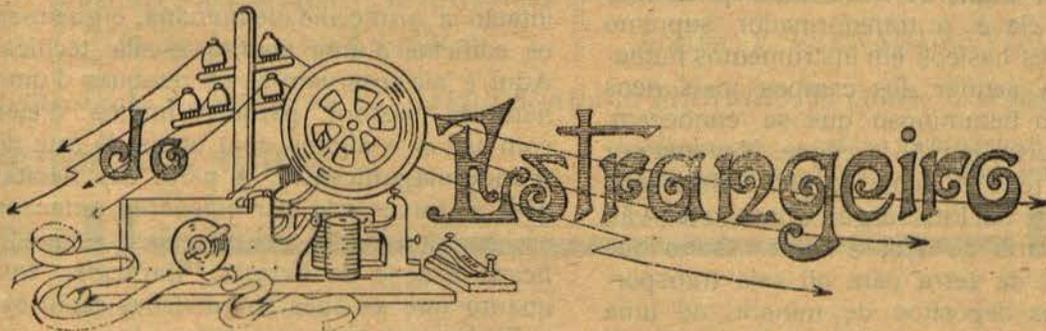
ra e que Beatriz estava presa nos braços amorosos da sua victima, despe a armadura; e roido até ao fundo d'alma pela desventura, ahi vae em penitencia pelo caminho, feito romeiro, sem destino certo na vida, deixando o castelo entregue á solidão e ao abandono.

Quantos, ao passar ali, não verão ainda, atravez de uma forte rajada de phantasia, ao luar formoso e sonhadór, o corpo

da juvenil princeza abraçada, no alto das amuras, ao moiro da amorosa lenda.

Para aqueles despidos de historias lendarias, mas amigos da phantasia, o castelo, ao luar, oferece ainda hoje o aspecto romantico de uma cõrõa de rainha de antigas eras, a nadar nas aguas claras e mansas do Tejo.

GUERRA MAIO



*New-York — Agosto 1920*

**P**ARA toda a gente, Pittsburgh é um simples sinonimo de outros termos mais expressivos: ferro, aço, carvão e coque. Bem conhecida por causa dos rugidos das suas fabricas e pelas intensas sombras produzidas pelo fumo dos seus altos fornos de fundição, possui outros predicados importantes igualmente bem conhecidos: a sua educação, a sua arte, a sua literatura, a sua actividade civica, as suas milhas de bulevares, os seus distritos immaculados de residencia e as suas industrias diversas além da sua produção monumental de materias primas.

Comtudo, se uma cidade se pode conglobar n'uma palavra unica, o nome de Pittsburgh traduz-se por Aço, e o seu grande concomitante é o Carvão. Ela tem a plena consciencia do seu refinamento e cultura, mas não é da mesma forma classificada pelo mundo exterior. E deste modo deve ser como uma colmeia industrial, como uma cidade de fabricas e altos fornos, como um distrito de minas, de fabricas de coque, de fogões e de manufatura, que tem de ser apresentada.

### CARTA DA AMERICA

Aço! esta palavra é eloquente por si mesmo. Traz á memoria as visões fantasticas dos relampagos de fogo dos altos fornos de fundição durante a noite; o maravilhoso espectáculo do flamejar dos fornos Siemens-Martin, e as figuras, banhadas do fogo de uma corrente incessante de metal, reluzindo atravez das massas de ferro incandescente. Simbolos contorcidos de uma força primordial, desenrolam-se em toneladas transportaveis que em verdade assombam a imaginação.

Aço e carvão! Toneladas e toneladas de massa preta crua n'um movimento continuo da boca da mina para os mercados do mundo. Produtos basicos da natureza, trabalhados e derretidos por exercitos de trabalhadores banhados em suor, uma hoste trabalhando n'uma intensidade febril, figuras grotescas reproduzindo os perfis contra as massas de metal candente; a outra sepultada nos subterraneos da terra.

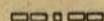
Estes dois materiaes fundamentaes nas suas variadas formas resumem a cidade de Pittsburgh para o mundo. Carris, peças fundidas, tubagem, arame em rolos, travões, leitos de pontes, ferro para estruturas, grellhas, tubos, guindastes, maquinismos elec-

tricos, tudo isto nos traz instantaneamente á memoria, n'um relance vivido, como é dramatica e de inspiração tenebrosa, como é sensacional tambem, a vida d'esta cidade que tem a supremacia industrial do mundo.

Pittsburgh tem sido cognominada "a officina universal," a "fundição nacional," o "centro industrial da America." Em volume puro de produção e nas somas da tonelagem que exporta, merece bem os três cognomes. Porque, de entre todas as cidades do paiz, ela é o transformador supremo dos metaes basicos em instrumentos humanos, e o senhor dos campos mais ricos de carvão betuminoso que se conhecem. Possui ferro, carvão e coque. Noventa por cento de todo o coque do paiz é fabricado no distrito de Pittsburgh. Como o carvão é o corolario de aço, é naturalissimo que o minerio da terra para ali seja transportado, e os depositos de minerio de uma meia duzia de centros ricos de minas sejam levados para Pittsburgh, pelo vapores do lago e pelos caminhos de ferro. De Pittsburgh o minerio sae em forma de carris de aço para a construção de caminhos de ferro em todos os recantos da terra. As suas dragas tornam navegaveis os rios dos dois hemisferios. As suas locomotivas atravessam os declives dos Andes e irrompem para o Oriente. Os seus instrumentos cultivam o solo da Russia. As suas chapas de aço coiracam os cruzadores da guerra de grande numero de nações. Os seus aparelhos electricos levam os beneficios que se derivam do genio inventivo moderno aos confins da terra. N'uma era de aço, ela é o baluarte natural mais avançado e mais na vanguarda de qualquer outra cidade. As grandes fabricas da United States Steel Corporation, tem aqui o seu centro. A. Homestead Steel Company, a sua maior parte integral, é o maior aciario de todo o mundo. Uma duzia de fabricas independentes, cujas actividades, como as da Jones & Laughlin Steel Company, assumem proporções enormes, e fazem de Pittsburgh o factor obrigatorio do aço.

A cidade do aço não esqueceu as coisas mais delicadas da vida na sua luta para a supremacia indusrrial. A cultura prospéra

aqui como as fabricas, os altos fornos e as fornalhas de coque. Grupados em volta de um centro civico, não muito distantes do meio da cidade, estão os edificios publicos, imponentes e artisticos, que lhe dão um aspéto estético e agradável. N'uma inclinação proxima elevam-se os edificios de uma grande universidade. Um d'estes, doado por um nativo de Pittsburgh, dedica-se a intensas investigações industriais. Alem, n'um barranco lindissimo, até o presente intacto á artificialidade humana, erguem-se os edificios d'uma imensa escola tecnica. Aqui e ali observam-se os retoques d'uma natureza pastoril. parques, muitos d'eles com lagos e alguns com obras de arte de grande magnificencia. A parte das habitações é atravessada por bulevares extensos em curvaturas. No centro civico está edificada a séde da livraria "Carnegie,, emquanto que as suas sub-divisões estão espalhadas por toda a cidade.



Pittsburgh sofre, porque as produções das suas fabricas não são incluídas para o valor moral da sua população. Todavia, ainda mesmo com este desfalque, as cifras positivas de Pittsburgh são usualmente mais do que suficientes para sobrepujar os calculos côr de rosa de outras comunidades menos poderosas. Os bairros estão em linha com as margens de ambos os rios. Todos tem as suas fabricas e os seus estabelecimentos industriais. Os seus interesses não tem semelhança. Os seus trabalhadores vivem completamente apartados dos outros bairros visinhos. N'uma extensão de milhas e milhas ao longo de ambos os rios, as vilas industriais lançam ás nuvens as suas montanhas de fumo durante o dia e as suas châmas lividas durante a noite. E' preciso atravessar Pittsburgh para se poder fazer uma ideia exata da sua grandeza.

Eis aqui a descripção d'uma das mais interessantes cidades d'esta grande nação.

Em seguintes chronicas referir-me a outras não menos interessantes, por outros aspectos.

Z.